



mutações do laço social o novo nas parcerias

XXIV
Jornada
EBP-MG
{fora de série}

Os Amores Fluidos

Lúcia Grossi

Miller (2007-2008) no seu Seminário de Orientação Lacaniana, “Lição XI, de 12 de março de 2008” pergunta, retomando o conceito de Bauman, se a Psicanálise teria se tornado líquida.

Os efeitos da globalização, as transformações tecnológicas, nos apresentam um mundo globalizado, mas desestruturado. A fluidez seria, então, o avesso da estrutura.

A regra da associação livre proposta por Freud quando ele abandona a hipnose, pode evocar algo dessa fluidez. No entanto, a intervenção do analista, seja pela interpretação ou pelo corte pode promover o que Miller chama de psicanálise nodal, aquela que “estuda as deformações que respondem aos efeitos concentrados na ação de puxar os barbantes”.

A perspectiva das figuras topológicas em Lacan mostra, segundo Miller, que podemos obter múltiplas variações “puxando os barbantes”, mas encontramos sempre o mesmo nó.

No Seminário 23, Lacan (1975-1976/2007, p.118), afirma que a topologia lhe permite produzir o que ele chama de cadeia-nó. Ele lembra que a figura do nó já estava presente no seu pensamento desde o texto “A Significação do falo” (1958/1981), quando ele propõe que a castração tem função de nó.

E o amor? qual o lugar do amor no mundo contemporâneo? O que significa falar de amores fluidos?

Segundo Marie Hélène Brousse (2012, p. 195) estamos no tempo da disjunção entre amor e sexo, em que a lógica do discurso capitalista se impôs. Nesta lógica o produto a ser consumido é o corpo do outro, não importa o seu nome. A comercialização do corpo já existia, mas era algo

mais discreto. O mundo contemporâneo traz um desnudamento do mercado do sexo, uma banalização da homossexualidade e uma mutação dos modos de procriação operada pela ciência.

Assim, “a vida sexual está liberada dos laços sociais que a continham e o único discurso que vigora é o do capitalismo” (BROUSSE, 2012, p.195). O que interessa hoje é a imagem do corpo e não a palavra, e o gozo está liberado da crença na relação.

A imagética da sexualidade contemporânea estaria mais próxima da sexualidade infantil, daquilo que Freud chamou de perversão polimorfa da criança. Ou seja, não haveria recalque da fantasia e o sujeito reivindicaria essa polimorfia. Teríamos aí uma extensão da passagem ao ato (p. 196).

Seriam, os amores fluidos, aqueles que recusam a perspectiva do nó?

Lacan, J (1958/ 1998) *A significação do falo. Escritos* (V. Ribeiro, trad.), Rio de Janeiro: Jorge Zahar (p. 692-703).

Lacan, J (1975-1976/ 2007) *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. (S. Laia, trad.), Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Miller, J., A- *Curso de Orientação Lacaniana* (2007-2008). Inédito, aula de 12 de março de 2008.

Brousse, M.H. (2012) O amor no tempo do “Todo mundo dorme com todo mundo” O saber de Christophe Honoré. *Mulheres de hoje Figuras do feminino no discurso analítico*. Org. Marcela Antelo. Petrópolis (p.195-202).